

## CPI DOS ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

## Ex-comandante aponta falhas

Coronel Fábio Augusto Vieira afirmou ter sabido, após sair da cadeia, pelo relatório do interventor Ricardo Cappelli, que o Departamento de Operações (DOP) não havia feito o plano operacional. Antes dos ataques, ele foi “tranquilizado”

» PABLO GIOVANNI

Fotos: André Duarte/ Gabinete do Chico Vigilante



Comissão questionou o militar sobre possível traição por parte dos subordinados do militar, responsáveis pela contenção dos golpistas

O ex-comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) coronel Fábio Augusto Vieira foi ouvido, ontem, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Atos Antidemocráticos da Câmara Legislativa (CLDF). O oficial afirmou que o chefe do Departamento de Operações (DOP) da PMDF o tranquilizou, no dia anterior ao 8 de janeiro, de que o efetivo empregado pela corporação seria suficiente contra os atos golpistas.

O militar chegou ao plenário da Casa acompanhado de dois advogados. Aos distritais, Fábio detalhou que só soube que o DOP não fez um plano operacional após deixar a prisão e saber do relatório de intervenção do ex-interventor federal da Segurança Ricardo Cappelli. Além disso, o ex-comandante-geral da PM, por muitas vezes, atribuiu a falha durante os ataques ao departamento, por entender que não existiu planejamento. “Conversei com o coronel Paulo José, no sábado — 7 de janeiro — para aumentar o efetivo. O que eu detectei no dia lá — 8 de janeiro —, de manhã, é que havia um efetivo mais do que suficiente. Até às 11h da manhã, o acampamento não sabia que ia descer (para a Esplanada)”, disse o coronel.

Paulo José era quem comandava o DOP naquele fim de semana, na ausência do coronel Jorge Eduardo Naime — que permanece preso pela Polícia Federal e estava de folga nos atos de 8 de janeiro. Questionado pelo presidente da CPI, Chico Vigilante (PT), se acha normal o planejamento não ter sido realizado pelo DOP, Vieira opinou: “Esse documento (o planejamento operacional), além da distribuição do efetivo, detalha exatamente como a operação será executada. Por exemplo, traz conceito da operação; a distribuição do efetivo no terreno de operação. Segundo informações do interventor, esse plano não foi elaborado.”

Nos trabalhos da Casa, além dos atos de 8 de janeiro, os distritais querem entender o que motivou os ataques à sede da Polícia Federal em 12 de dezembro. Ao ser questionado sobre o porquê da facilidade de manifestantes bolsionistas depredarem o centro de Brasília, Fábio explicou que a prisão do indígena José Acácio Serere Xavante, conhecido como cacique Tsereré, não estava prevista pela corporação



Deputados aprovaram transformar a convocação de generais em convite, em acordo com o Exército

e que a corporação não efetuou prisões porque preferiu restabelecer a ordem. “A PF resolveu cumprir um mandado de prisão judicial sem comunicar a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e as forças de segurança, e não avaliou os reflexos do que poderia ocorrer com aquela operação. De repente, nós nos vimos instalados em um caos, na área central de Brasília, e era próximo do período

natalino. Os shoppings e hotéis estavam lotados”, contou.

“De imediato, a tropa começou a ser deslocada para lá. Para você entender, eu estava de túnica e troquei de roupa dentro da viatura para ajudar no combate. A nossa determinação era concentrar todas as viaturas do DF no intuito de restabelecer a ordem, preservando vidas”, completou.

O coronel pouco mencionou o nome do atual comandante-geral

da PMDF, Klepter Rosa. Fábio explicou que, nos atos, Rosa ocupava o cargo de subcomandante da corporação — que é responsável por todos os departamentos. Quando assumiu o comando-geral da PM, a convite do ex-secretário Júlio Danilo, Fábio queria fazer mudanças em comandos da corporação, mas foi proibido. Naime estaria entre os nomes, por não ser o perfil que o coronel desejava para o DOP.



**Conversei com o coronel Paulo José, no sábado — 7 de janeiro — para aumentar o efetivo. O que eu detectei no dia lá — 8 de janeiro —, de manhã, é que havia um efetivo mais do que suficiente”**

**Fábio Augusto Vieira, ex-comandante da PMDF**

“Temos uma relação de respeito. Mas, naquele momento, eu entendi que o perfil que eu gostaria para o DOP era de outra pessoa. O coronel Naime já havia solicitado ao comandante anterior a exoneração dele. Eu só fiz concordar. Conforme tratativas, eu reiterei no SEI (Sistema Eletrônico de Informações) que gostaria de colocar uma pessoa do processo (seletivo interno)”, explicou o oficial.

“Recebi do secretário (de Segurança Pública) que o coronel Naime desistiu e ele iria permanecer”, completou.

Para os membros da comissão, quase houve um consenso: Fábio foi traído pelos policiais do alto-comando da PMDF. No entanto, por diversas vezes, o coronel afirmou não acreditar nessa possibilidade. “Era muito difícil para os manifestantes ultrapassar nossas barreiras. Por isso que nunca houve, na história de Brasília, o que aconteceu dia 8. Faltou planejamento. Alguém dentro da secretaria ou dentro da própria corporação trabalhou contra o senhor. A sua prisão foi injusta. Agora, a responsabilidade naquele momento era sua”, disse o deputado Hermeto, relator da CPI.

## Convites

Antes da oitiva do coronel, os distritais aprovaram requerimentos importantes para o andamento dos trabalhos. Após um acordo com o Exército Brasileiro, decidiram transformar em convites as convocações dos generais Augusto Heleno e Gustavo Henrique Dutra de Menezes. Na última semana, representantes do Exército foram à CLDF inspecionar o plenário e entender os trabalhos da CPI, e pediram que os distritais só convidassem os generais. Caso o pedido fosse atendido, os generais confirmariam a presença.

No caso do general Dutra, que chefiava o Comando Militar do Planalto (CMP) durante os atos de 8 de janeiro, o depoimento está marcado para ocorrer em 18 de maio. Já o do general Heleno, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), será em 7 de junho. Com a convocação transformada em convite, os generais não têm obrigações de comparecer à CLDF. Os distritais confiaram no acordo de “cavalheiros” com os integrantes do Exército.

## Anderson Torres

Com a liberdade provisória do ex-secretário Anderson Torres, a CPI pretende convidá-lo para depor na CLDF. No entanto, segundo o presidente Chico Vigilante, isso deve ocorrer apenas no fim dos trabalhos da comissão. “Queremos e vamos ouvir o Anderson, mas prevemos que isso vai acontecer só no final da CPI. Estamos acordados para ouvir os generais, e para o andamento da CPI, é importante que ele fique para o final”, disse o parlamentar.

## » Entrevista | GUTEMBERG FIALHO | PRESIDENTE DO SINDICATO DOS MÉDICOS

## Concursos não atraem médicos

» ISAC MASCARENHAS\*

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Distrito Federal é a unidade com mais médicos por moradores. São 338 a cada 100 mil habitantes. A população, porém, sofre diariamente nos hospitais a falta deles. Para o presidente do Sindicato de Médicos (Sindimédicos), Gutemberg Fialho, a estrutura ruim, pressão, insegurança e baixos salários afastam os médicos.

“Temos a maior proporção de médicos, entretanto não temos eles na rede pública. Não existem condições que atraiam o profissional”, explicou no CB.Saúde — parceria entre Correio e TV Brasília — de ontem. “A Secretaria de Saúde tem falado que concursos são abertos, mas os profissionais aprovados não assumem. Se Brasília tem médico suficiente e as estruturas são ruins, então não se deve fazer concurso. Não basta contratar

profissionais, tem que dar condições para ele trabalhar”, indicou à jornalista Adriana Bernardes.

## O DF tem muitos médicos proporcionalmente, mas por que a população ainda sofre tanto?

Brasília tem a maior proporção de médicos por habitante do país, porém nós não temos médicos na rede pública, porque, no momento, não tem condições que atraiam o profissional. Pediatria, por exemplo, temos mais de 1.200, mas apenas 500 na rede pública. Precisa de políticas públicas para atrair esses profissionais para trabalhar na Secretaria de Saúde (SES). São péssimas condições de trabalho, pela pressão das condições salariais desfavoráveis. Alguns pedem demissão porque não aguentam mais o adoecimento.

## Quais são as outras áreas em situação crítica?

Temos um déficit de no mínimo

Mariana Lins



três mil médicos. São 10 mil postos de trabalho e pouco mais de 6 mil na SES. Está faltando anestesista, ortopedista, oncologista, um problema grave. O paciente diagnosticado com câncer passa mais de dois anos aguardando uma consulta oncológica. A ginecologia é outra especialidade em situação crítica, mas que é barata para o Estado. Então é aquele drama, se ele é diagnosticado e não é tratado de imediato, além da angústia

emocional, a saúde diminui a cada dia. Se consegue a consulta, demora para fazer radio ou quimioterapia. Precisa-se de uma reformulação do plano de cargos e salários, precisa melhorar as condições de trabalho.

## Como seria essa reformulação para atrair os médicos?

Hoje a SES tem falado que tem concurso, mas os aprovados não assumem. É por conta das

condições salariais, das péssimas condições de trabalho. Se eu sei que já tem médico suficiente e que a estrutura é ruim, o que tenho que fazer? Melhorar as condições, e não fazer concurso. Ou se melhoram as condições, para que o profissional volte a se interessar, ou a população vai continuar sofrendo.

## O orçamento dá conta de melhorar a estrutura e aumentar os salários?

Quando se trata de saúde, você está tratando de vida, então tem que ter prioridade. Se a prioridade do governo é cuidar da vida da população, se não está no orçamento, o recurso tem que ser remanejado. O orçamento da Secretaria de Saúde é uma coisa fantástica. Estava em torno de R\$ 7 bilhões, tem a parte do Fundo Constitucional e um aumento da parte do Tesouro. O orçamento da Secretaria de Saúde agora é de R\$ 10 bilhões. Nós precisamos ter mais assertividade, mais comprometimento e gastar com o que é realmente prioridade e observância, sem desperdício. Temos denúncias de que o Iges-DF (Instituto de Gestão em Saúde), um modelo que

nós criticamos, paga R\$ 3 mil no aluguel de um notebook, um aparelho que se compra por menos que isso. Tem alguma coisa errada. Tem que ter compromisso e economicidade com os impostos do cidadão.

## Terceirização é a solução ou um erro?

A terceirização, naquilo que o estado não pode oferecer, deve ocorrer. Até porque tem uma demanda da população que está morrendo. Não há problema, desde que o estado a médio e longo prazo crie seus meios para não ser dependente da terceirização. Agora, o histórico de terceirização do DF é péssimo. Um modelo [Iges-DF] que não deu certo, crise atrás de denúncia. A Real Espanha, terceirização do Hospital Santa Maria, acabou em escândalo. O Instituto Candango de Solidariedade acabou em gente presa. A Fundação Zerbini, a mesma coisa. Então nós precisamos tratar a terceirização com cuidado e naquilo que o estado não pode oferecer. Deve-se terceirizar enquanto expande seus próprios serviços.

\* Estagiário sob a supervisão de Suzano Almeida